

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luiza Rodi Trindade dos Santos

**AMOR ROMÂNTICO E A SUBORDINAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA
IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA FORMA COMO AS MULHERES SE RELACIONAM NO SÉCULO XXI**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Luiza Rodi Trindade dos Santos, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201972142A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado AMOR ROMÂNTICO E A SUBORDINAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA FORMA COMO AS MULHERES SE RELACIONAM NO SÉCULO XXI, desenvolvido durante o período de agosto de 2023 a dezembro de 2023 sob a orientação de Marcella Beraldo de Oliveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de dezembro de 2023.

Luiza Rodi Trindade dos Santos

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

AMOR ROMÂNTICO E A SUBORDINAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA FORMA COMO AS MULHERES SE RELACIONAM NO SÉCULO XXI

Luiza Rodi Trindade dos Santos¹

RESUMO

A partir do momento em que nascemos, já entramos em contato com o amor. Ele é um elemento central na vida de todas as pessoas e é extremamente necessário na construção do caráter e da identidade humana. A forma como recebemos e aprendemos o amor na infância reflete a maneira como o vivenciamos na fase adulta. Mas mesmo sendo um fator tão fundamental para a formação do “eu”, a sociedade ainda insiste em ensinar modos de amar que tendem a gerar sérias consequências na vida das pessoas, especialmente do sexo feminino. O ideal de amor romântico em particular, que é o foco central deste artigo, apesar de ainda ser visto por muitos como algo extraordinário, precursor das mais lindas experiências que alguém pode vivenciar, na realidade é responsável por muito sofrimento, sobretudo das mulheres, que são o alvo principal dessa forma de ver o amor.

O intuito deste artigo é analisar, por meio de um levantamento bibliográfico, a relação do patriarcado, da desigualdade de gênero e da divisão dos papéis sociais de cada um com a construção do universo feminino a partir do amor, questionando a visão fantasiosa e irrealista sobre esse sentimento, que faz com que as mulheres sempre coloquem o bem-estar do outro à frente do próprio, aprisionando-as na posição de cuidadora do lar, além de pensar em como podemos reaprender a amar de uma maneira mais livre e igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Amor romântico. Mulheres. Patriarcado. Desigualdade de gênero.

INTRODUÇÃO

O conceito de amor romântico tomou proporções exacerbadas pouco tempo após seu advento e conseguiu se manter no cerne das relações conjugais até os dias de hoje. A princípio, trouxe mudanças positivas para as mulheres, já que quando as uniões de casais ainda se davam por acordos entre os homens das famílias, a valorização do amor em casamentos arranjados proporcionou a elas a chance de conhecer e criar vínculos afetivos com o futuro marido antes de casar. No entanto, o que começou como uma ajuda logo tornou-se o oposto, pois foi um fator determinante na imposição do papel de cuidadora do lar sobre a mulher.

Neste artigo, temos como objetivo geral analisar a influência do ideal de amor romântico na construção das relações amorosas heteronormativas que ainda seguem o molde pré-estabelecido socialmente no século XXI, visando a compreensão da forma como esse ideal afeta as mulheres, tanto na maneira como veem a si mesmas como nas relações amorosas que estabelecem com homens, além de buscar o entendimento do amor não apenas como um sentimento, mas como um modo de ver a vida e os relacionamentos.

Por meio de um levantamento bibliográfico, fizemos uma revisão literária que nos ajudou a adquirir uma visão mais ampla sobre a problemática do romantismo exacerbado e inseri-lo como uma peça chave para a manutenção do sistema patriarcal que já conhecemos. Visamos o entendimento do processo de socialização das mulheres e de como ele interfere na forma como elas vivenciam experiências amorosas em relação aos homens, além de entender as consequências que esse ideal gera na vida delas.

O desenvolvimento deste trabalho está dividido em quatro partes. Iniciamos apresentando uma perspectiva histórica das emoções, particularmente o amor, no primeiro capítulo, e subsequentemente o inserimos especificamente como objeto de estudo das ciências sociais, no segundo. Discutimos também, no terceiro capítulo, a construção patriarcal da mulher e a influência que o amor tem sobre todos os âmbitos da existência feminina, evidenciando posteriormente, na última parte do trabalho, a importância do aprendizado de outras formas de vivenciar os laços afetivos entre um casal, tendo o amor um papel no desenvolvimento da integridade pessoal, e explorando formas mais realistas de pensá-lo, além de salientar a necessidade do amor próprio como fundamento para qualquer relacionamento.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: luizaroditrindade@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

Capítulo 1: Sobre a história das emoções.

Um dos aspectos consensuais sobre o estudo das emoções é a sua notada variabilidade tanto no espaço quanto no tempo. Tanto a própria conceituação das emoções, bem como as características de suas manifestações pelos indivíduos, ou a avaliação que se faz dessas manifestações, variam muito de uma cultura à outra, geograficamente, e ao longo do tempo em uma mesma cultura. Em *A História das Emoções*, trilogia dirigida por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020(a); CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020(b); CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020(c)), Os organizadores apresentam um vasto material historiográfico sobre as emoções e suas manifestações, da antiguidade à idade das luzes (volume 1), das luzes ao século XIX (volume 2) e do século XIX até hoje (volume 3), se restringindo à história ocidental. Para ilustrar esta ideia de variabilidade, a introdução dos livros cita as manifestações emotivas do luto de Aquiles pela morte de Pátroclo, descrito na *Iliada* por Homero. O enlutado manifesta sua dor pela perda do amigo com gritos, agride-se arrancando os próprios cabelos e cobre o corpo com a poeira do chão. Tal efusividade emotiva não faria mais sentido na sociedade burguesa do século XIX, onde as manifestações pelo luto são caracterizadas pelo silêncio e economia de gestos do enlutado. O estudo sistemático da história das emoções teve sua necessidade teórica afirmada pela primeira vez em 1930, por Lucien Febvre, bem antes de sua difusão pronunciada nas décadas de 1980 e 1990:

“Nós podemos, acredito eu, empreender uma série de trabalhos que nos faltam; e enquanto nos fazem falta, não haverá uma história possível. Nós não temos uma história do amor [...]. Não temos a história da morte. Não temos a história da piedade, nem, tampouco da crueldade. Não temos a história da Alegria”.(CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020(a),p. 12).

Vale ressaltar que o estudo sistemático da história das emoções apresenta uma dificuldade intrínseca, relacionada à própria descrição do objeto de interesse. Quando falamos de emoções como medo, raiva ou alegria, fazemos referência às experiências que o interlocutor quase certamente já vivenciou, e é quase certo que sejamos compreendidos. Entretanto, prover para estes termos uma definição exata, atemporal e independente de contexto cultural, é uma tarefa que até hoje ainda não foi realizada (SARTRE, 2020). Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles aborda a questão das emoções, fazendo uma espécie de inventário. Para ele, são emoções o desejo, a cólera, o medo, a coragem, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo ardente, o ciúme e a piedade. Mas ele próprio, em outras passagens do texto altera esta lista, que nada tem de fixo ou definitivo, acrescentando a ela outros elementos. Ele apresenta um inventário, sem definir precisamente cada termo. A ideia central que abordamos aqui nesta seção, é que para falarmos de emoções é preciso sempre descrever com a maior precisão possível o conceito a ser estudado, além do contexto histórico e cultural em que a emoção em questão está inserida, e com o amor não seria diferente. No primeiro capítulo de seu livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, bell hooks defende essa mesma ideia:

Nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra ‘amor’ é a origem de nossa dificuldade de amar. [...] Quando o próprio significado da palavra é coberto de mistério, não surpreende o fato de que a maioria das pessoas considere difícil definir a que elas se referem quando usam a palavra ‘amor’. (HOOKS, 2021, p. 45/46)

No capítulo seguinte faremos uma explanação sobre como as emoções podem ser abordadas como objeto de estudo das ciências sociais e mais adiante será abordada a questão da importância de uma definição do amor ao falar sobre as vivências amorosas.

Capítulo 2: Sobre a Antropologia das emoções.

Neste capítulo, descreveremos como o estudo das emoções se insere no contexto da Antropologia. Esta seção está baseada no texto *Antropologia das Emoções*, de Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (REZENDE; COELHO, 2010). Como ponto de partida, as autoras fazem referência à noção ocidental e

moderna de que os sentimentos têm uma natureza universal. No ocidente, o senso comum considera os sentimentos como fazendo parte da natureza humana de maneira essencial, ou seja, são elementos invariáveis no ser humano. Além disso, considera-se que há uma espécie de singularidade, que faz os sentimentos brotarem, como são, espontaneamente do íntimo de cada indivíduo. Assim, para colocar os sentimentos, ou emoções, no contexto das ciências sociais, é necessário romper as convicções de universalidade e singularidade dos sentimentos, e considerá-los como representações de uma dada sociedade. Os sentimentos, portanto, devem ser considerados como experiências não refratárias à ação da sociedade e da cultura.

Há um relato que exemplifica a importância da influência do contexto cultural na representação das emoções. As autoras relatam a experiência muito particular da antropóloga Laura Bohannan, que teve a oportunidade de narrar a história de Hamlet, para as pessoas de uma tribo africana. A primeira perspectiva da antropóloga era a de que as grandes tragédias tratassem de características humanas universais e que, portanto, fossem compreendidas pelas pessoas, independentemente de seu contexto sócio-cultural. A tragédia de Hamlet pode ser contextualmente descrita como a traição que seu pai, o rei, sofre, da parte de Cláudio, seu irmão e da esposa Gertrudes. Com a anuência de Gertrudes, Cláudio envenena o rei e pouco depois se casa com Gertrudes, assumindo o trono. Segue-se a tragédia, com a aparição do fantasma do rei para Hamlet, e a revolta deste pelo casamento precoce da mãe, ocorrido sem respeitar o prazo de luto de dois anos estabelecido socialmente.

A reação dos africanos foi de incompreensão da tragédia, por vários aspectos. Por exemplo, depois da morte de um pai, para eles é natural e recomendável, que seu irmão assuma o papel de marido da viúva. Este costume, o levirato, estabelece que o irmão de morto, deve casar-se com a viúva, quando o morto não tem descendência masculina. Este costume é bastante antigo, tendo inclusive representações bíblicas no antigo testamento. Outro ponto não compreendido é a revolta de Hamlet com o casamento antes do ritual de luto de dois anos, uma vez que para eles não faria o menor sentido deixar a viúva desamparada por tanto tempo, cuidando sozinha dos bens e da família. A despeito da primeira expectativa da antropóloga Laura Bohannan, de que as grandes tragédias falam da condição humana de maneira universal, os africanos não conseguiram compreender as emoções de Hamlet, pois as suas referências emocionais estão em um contexto social e cultural distinto.

Podemos ressaltar que a atitude da antropóloga reflete uma postura fundamentalmente eurocêntrica, uma vez que ela parte de um paradigma (conscientemente ou não) no qual o que é naturalmente aceito na cultura europeia deve ter caráter universal na espécie humana. Entretanto ela mesma verificou, com esta experiência, que o contexto sócio-cultural tem caráter determinante na manifestação das emoções.

Assim, se mostrou também que as emoções e suas manifestações requerem uma negociação sobre a situação e aspectos da vida social onde ocorreram: “Com isso, as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (REZENDE; COELHO, 2010, p.14/15). Segue outra citação sobre as consequências de se considerar o contexto:

“A preocupação dessa abordagem contextualista aqui é dupla: mostrar como o próprio significado das emoções varia dentro de um mesmo grupo social dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e atentar para as consequências da expressão nas relações sociais e de poder” (REZENDE; COELHO, 2010, p.15)

Faremos a seguir uma breve descrição das duas questões fundadoras do estudo das emoções no contexto das ciências sociais. A primeira questão fundamental trata da natureza das emoções, tratando da dicotomia entre natureza biológica e natureza cultural. A segunda questão fundamental trata das emoções como estado individual ou social.

2.1 - A manifestação das emoções: entre a biologia e a cultura

É muito difundida na sociedade contemporânea ocidental a ideia de que as emoções são fenômenos naturais na espécie humana. Os sentimentos têm um aspecto que pode ser descrito como forjados pela seleção natural (REZENDE; COELHO, 2010), assim, eles teriam garantido à espécie, juntamente com outras características físicas, vantagens reprodutivas e na sobrevivência. O amor teria sido importante para o vínculo familiar, garantidor do suporte ao filhote que nasce dependente e necessitando de cuidados e proteção. O medo auxilia o indivíduo na sobrevivência, afastando-o de perigos iminentes e a raiva promoveria o instinto de defesa.

Assim, as emoções seriam fundamentadas no aparato biológico humano, e seriam, portanto, universais, trazendo poucas marcas de aspectos culturais, variáveis no espaço e no tempo. Deste ponto de vista podemos falar de uma etnopsicologia ocidental moderna, sistema de conhecimentos que define e explica o que é a pessoa, descrevendo os atributos do indivíduo, suas reações e as maneiras pelas quais se dão as relações humanas. Assim, esta área do conhecimento, está baseada em dois pressupostos fundadores para a descrição da pessoa: A noção de que as emoções têm seu fundamento na psicobiologia e conseqüentemente, a noção de que as emoções são constantes universais.

Nesta visão de mundo, a origem das emoções está no corpo, através dos hormônios e do funcionamento neurológico, e também se manifesta através de reações corporais. A tristeza pode vir acompanhada de lágrimas. O medo, assim como as paixões, pode vir acompanhado de arrepios e palpitações. A ansiedade, acompanhada de falta de ar.

Por outro lado, podemos olhar a questão das emoções também por um viés social: “A questão principal aqui é que o modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre mediado pelas formas de pensar cultural e historicamente construídas” (REZENDE; COELHO, 2010, p.29).

Argumenta-se que o aparato biológico é universal, mas as percepções sobre o corpo não são, o que produz experiências corporais e psicológicas variadas, pois estas são sempre mediadas pela linguagem, que é um elemento essencialmente cultural. Argumenta-se ainda, que as emoções, inicialmente como reações biológicas em um bebê, serão lembradas mais tarde como parte de um contexto de interação social. Assim, as emoções serão sentidas e lembradas sempre em um contexto social indissociável. De fato, nós internalizamos desde muito cedo as formas pelas quais devemos expressar os nossos sentimentos, e fazemos isso de maneira controlada por regras mais ou menos explícitas. Ocorre que internalizamos muito cedo este aprendizado de expressão das emoções, este controle que exercemos sobre as emoções passa despercebido. Muitas vezes essa forma controlada de expressão se confunde com a noção de expressão natural dos sentimentos.

Assim, a noção de que as emoções são fundamentalmente apenas biológicas e portanto, são universais, é posta sob outra perspectiva pelas ciências sociais, que olha também para os aspectos sociais na manifestação dos sentimentos. Em (REZENDE; COELHO, 2010) as autoras discutem essa problemática analisando a raiva e o medo, emoções às quais em geral se atribui um caráter universal.

2.2 - A influência do contexto social na expressão individual das emoções

O material primário das ciências sociais é a dualidade indivíduo-sociedade. Assim, a noção etnopsicológica ocidental moderna de que as emoções têm origem estritamente na singularidade individual é de certa forma incompatível com a visão de que as emoções sofrem um condicionamento sócio-cultural. É esta contraposição que é desfeita no texto (REZENDE; COELHO, 2010), o que permitirá às emoções terem um lugar como objeto de estudo das ciências sociais.

As expressões externas dos sentimentos são sempre pautadas por um conjunto de regras sociais, ou uma gramática social comum. Para exemplificar a submissão das emoções à gramática social, podemos referenciar o exemplo do luto extremamente efusivo de Aquiles pela morte de Pátroclo, descrito neste texto na seção sobre a história das emoções. Como dissemos, o contexto é impositivo nas formas de manifestação dos sentimentos de luto.

Um conceito fundamental aqui é o de “fato social” (REZENDE; COELHO, 2010), definido como algo que “existe fora das consciências individuais, sendo capaz de exercer uma ação coercitiva sobre a vontade individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p.46). Esta noção de coerção, segundo Durkheim (DURKHEIM, 1984), é o que determina a natureza social de um fato: “é ao ser capaz de coagir a vontade individual que um fenômeno estabelece sua condição social” (REZENDE; COELHO 2010, p. 46).

Assim, usando o exemplo do luto de Aquiles, fica clara a natureza social das manifestações das emoções, quando comparamos o luto efusivo de Aquiles que inclui gritos e auto-flagelo, com as manifestações de luto silenciosas e contidas observadas como aceitáveis no século XIX. Um exemplo de uma emoção como fato social, portanto sofrendo ação coercitiva sobre a vontade individual é o dos sentimentos retratados na história de Romeu e Julieta, considerada um mito fundador do amor romântico. O casal apaixonado está sujeito a um sentimento todo-poderoso que brota do âmago e que se abate sobre cada um deles, independentemente de sua vontade. É o sentimento mais forte do que todos os outros, pelo qual os indivíduos acometidos estão dispostos a abrir mão de qualquer coisa, e ao qual estão predestinados por uma determinação cósmica. Entretanto, no cerne do romance está o contexto no qual este sentimento surge. Cada um deles pertence a uma

família que jura de morte os membros da outra. São inimigos mortais, estabelecendo a coerção que define este amor como fato social.

Pelo estrondoso sucesso que a peça fez à época de seu lançamento, ela é considerada um marco para o amor romântico. Seguiu-se a partir de então uma imensa profusão de enredos com a mesma temática em outras peças de teatro, na literatura, na música, nas artes plásticas e no cinema, permanecendo vívida até os dias de hoje.

Capítulo 3: O amor e a construção social do universo feminino.

A seguir faremos uma breve descrição histórica sobre a vivência do amor entre casais, mostrando como esta tem se transformado com o passar do tempo, e descreveremos a influência destas representações do amor sobre a construção do universo feminino na atualidade. Este capítulo está baseado na Dissertação de Mestrado de Sara Campagnaro (CAMPAGNARO; EGGERT, 2019)

3.1 - O amor entre casais sob uma perspectiva histórica.

Poucos são os vestígios de tempos Pré-Históricos, que nos permitiriam descrever objetivamente o sentimento de amor naquela época. Temos apenas indícios de que a relação entre o ato sexual e a procriação humana não era conhecida. Entendia-se o nascimento de uma criança como sendo função da mulher, mas associado aos “poderes da natureza”. Para aquelas sociedades, não existia a ideia de casal, e cada membro do grupo, homem ou mulher, se relacionava sexualmente com todos os outros. Os relacionamentos eram compartilhados. A coletividade e a vida em grupo eram os fundamentos sociais, não havia a noção do que é privado, de posse. As experiências vividas pelo grupo, eram consideradas responsabilidade do próprio grupo.

Mais tarde, na Grécia antiga (séculos XII a VIII a.C.) se estabeleceu a noção de marido e mulher. Mas os casamentos, entretanto, eram arranjados pelos homens, sem o consentimento feminino. A mulher tinha um papel completamente subserviente ao marido e era tratada como propriedade deste. Muitas vezes os homens mais ricos acumulavam várias mulheres, para serem usadas como moeda de troca ou escravizadas. A posição social em que estavam as mulheres não era muito diferente da posição social na qual estavam os escravos. Ambos estavam à disposição dos homens de poder. Com o surgimento das cidades-estado, que mudou o modo de vida social tribal, coletivo, para o de ambientes em que pequenos grupos coabitavam as casas, esta relação mudou um pouco. Não havia ainda um vínculo afetivo entre o marido e a mulher, mas esta já passou a assumir o cuidado com os filhos. A mulher deveria ser submissa primeiro ao pai e depois ao marido.

Uma grande mudança no comportamento da célula familiar foi trazida com a difusão do cristianismo. Embora o pai ainda fosse considerado uma autoridade para os filhos e a esposa, os relacionamentos familiares passaram a ser pautados também pelo afeto e pelo amor, não apenas pela autoridade patriarcal. Passou a haver intimidade entre os membros da família. A mãe passou a ter um papel familiar marcante, já que é ela quem cuida, protege e socorre os membros da família, contrastando com a completa invisibilidade e insignificância feminina na sociedade grega. Com o cristianismo, há uma separação e oposição entre as relações de amor e o sexo. O amor é um sentimento ligado ao divino, e o sexo puramente carnal.

Ao final do século XI, o amor recíproco entre homem e mulher já havia se estabelecido como uma possibilidade, e aos poucos começa a haver uma distinção entre o amor a Deus e o amor entre a mulher e o homem, o que veio a possibilitar a concepção do “amor cortês”, que foi muito popular entre os trovadores da idade média. Este amor era objeto de poemas e trovas, escritos pelo homem cortejador com o objetivo de conquistar a mulher amada. O “amor cortês”, via de regra, era destinado pelo homem a uma amante fora do casamento, uma vez que as relações entre marido e esposa eram destinadas apenas à procriação e à preservação dos bens da família. Esses relacionamentos extraconjugais tinham, de certa forma, uma estrutura bastante particular e sua popularização na idade média foi importante para que a vivência do amor entre o casal se estabelecesse como prática cotidiana. Entretanto sua prática era considerada profana, uma vez que ia contra os preceitos do sacramento do casamento impostos pela igreja católica. O “amor cortês”, com sua prática da conquista, de certa forma, promoveu os relacionamentos baseados no amor, o que veio a se estabelecer como objetivo amoroso no período renascentista, quando se firmou a ideia de que a união de um casal deveria acontecer por amor, onde se estabeleceu o amor romântico, retratado com estrondoso sucesso na literatura por Shakespeare em *Romeu e Julieta*.

Já a partir do Século XIX, com a industrialização, firma-se o papel do homem como trabalhador externo e o da mulher como cuidadora e protetora do lar. Neste período, com a migração da população dos meios rurais

para os centros urbanos, a mulher passa cada vez mais a ser educada para cumprir seu papel de esposa cuidadora e mãe, uma vez que não era mais necessário que ela conhecesse os manejos agrícolas. Sua imagem passou a estar ligada ao estereótipo de ser frágil e dedicada ao cuidado da família. Como resultado desta divisão do trabalho, a mulher também se torna dependente financeiramente do marido. Desta forma esta construção do universo da mulher burguesa a aprisiona no papel submisso de dependente de cuidadora do lar.

Queremos frisar aqui que a vivência dos relacionamentos amorosos sempre se insere em um contexto histórico que a molda, e não pode ser reduzida a uma experiência que provém da natureza humana, como já discutido nos capítulos anteriores. Entretanto este modelo construído historicamente tem suas marcas ainda profundas nas sociedades contemporâneas ocidentais, cerceando o papel social da mulher e relegando-nos à posição de subalternidade, fragilidade, emotividade e cuidado doméstico como características definidoras. A desconstrução deste modelo patriarcal passa pela observação, discussão, letramento e organização do feminismo, e é no sentido da desconstrução desse modelo e da liberação da mulher para a ocupação dos espaços e papéis que ela mesma possa escolher, que encaminhamos para o capítulo seguinte.

3.2 - A construção patriarcal do ser mulher e a influência do amor romântico.

Na clássica obra das ciências sociais, “A transformação da intimidade”, Anthony Giddens afirma que “o ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres ‘em seu lugar’ - o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o ‘machismo’ da sociedade moderna” (GIDDENS, 1992, p.10).

“Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”; esse é um ditado popular muito utilizado para justificar a falta de intervenção de outros na relação conturbada de um casal. Além de ser um pensamento arcaico por si só, esse ponto de vista ignora totalmente o fato de que os acontecimentos da esfera pessoal estão diretamente ligados à esfera política. O que ocorre na vida privada é resultado de um conjunto de determinações sociais a respeito do papel do homem e da mulher dentro e fora de um relacionamento. Os estereótipos de gênero se mantêm firmes não apenas por convenções sociais, mas pelas próprias instituições da sociedade que são responsáveis por garantir a naturalização e reprodução desses padrões ao longo do tempo.

Para a desconstrução do modelo patriarcal é preciso em primeiro lugar, identificar nas nossas vidas de que maneira este pensamento permeia a nossa visão de mundo, nossos sentimentos e desejos, nossos objetivos de vida, nossas funções cotidianas.

Uma contribuição fundamental em relação a essa questão foi dada por Simone de Beauvoir (1908-1986), particularmente em (BEAUVOIR, 1970(a) e (BEAUVOIR, 1970(b)). Em O Segundo Sexo, Volume II, publicado originalmente em 1949, a autora inicia o primeiro capítulo com a famosa frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”(BEAUVOIR, 1970(b)).

Ela se refere neste ponto ao aprendizado dos padrões sociais de manifestação das emoções, racionalidade e comportamento, condizentes com o que a sociedade considera adequado ao sexo feminino. Um dos objetivos da obra é a desconstrução desse modelo. Ela questionou os mitos relacionados ao ser feminino, apontando caminhos para a liberação da mulher das amarras do modelo patriarcal. Reproduzimos aqui um trecho da introdução ao livro O Segundo Sexo, Vol.II.

“As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo.” (BEAUVOIR, 1970(b), p. 7)

Beauvoir aponta um caminho no qual a mulher deixe esta condição de subalterna em relação ao homem. Para a autora, o homem é intermediário entre a mulher e o mundo, e para libertar-se desta condição a mulher precisa conquistar a sua independência através do trabalho remunerado, que lhe proverá autonomia financeira. Para ela, “só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta.” (BEAUVOIR, 1970(b), p. 449). Assim, a mulher teria liberdade para traçar novos horizontes e almejar novos destinos para sua vida e novos papéis sociais.

No entanto, é preciso evidenciar o fato de que mesmo com os avanços da modernidade, que possibilitaram a inserção feminina no mercado de trabalho e a valorização da independência financeira da mulher, alguns ideais da cultura patriarcal ainda persistem e se mantêm obstinados sobre o sexo feminino, como a divisão de tarefas domésticas de acordo com o gênero. Os afazeres relacionados a limpeza da casa, alimentação da família e cuidados com os filhos e parentes ainda são vistos como funções essencialmente femininas. São poucas as famílias que conseguem delimitar de forma harmônica a separação das tarefas da casa entre os homens e as mulheres que residem na mesma, e ainda assim nesses casos, os homens geralmente são exaltados por dividirem com suas parceiras o trabalho doméstico, que naturalmente seria exercido exclusivamente por elas. Quando recebem pouca ou nenhuma ajuda masculina nos cuidados diários, muitas mulheres acabam exercendo uma dupla jornada de trabalho, pois o horário de expediente se estende ao chegar em casa, já que também são responsáveis por toda a organização do lar, da rotina dos filhos e até mesmo do marido.

Tendo tudo isso em vista, embora a obra de Beauvoir (BEAUVOIR, 1970(a); BEAUVOIR, 1970(b)) tenha importância fundamental para o feminismo, há críticas pertinentes que se pode fazer ao seu trabalho, que se dirige principalmente a mulheres brancas de classe média. Um ponto que não será desenvolvido aqui, mas é relevante mencionar, é a interseccionalidade. A questão de gênero perpassa a questão de raça. Para mulheres negras e de classes menos favorecidas, que sempre viveram trabalhando fora de casa com remuneração muito baixa, a emancipação da mulher através do trabalho não é uma opção. Este assunto é discutido em profundidade no livro de bell hooks “E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo” (HOOKS, 2021), que se tornou um clássico para o feminismo negro.

3.2.1 - O amor romântico e a subordinação da mulher.

Apesar de ser um conceito pouco abordado em discussões que envolvam as teorias feministas e a misoginia do patriarcado (questões da esfera pública), o amor romântico se faz presente em nossa realidade desde que nascemos, marcando o início do processo de socialização e perdurando até a vida adulta, sobretudo das mulheres, muitas vezes sem sequer ser questionado ou visto como um aspecto importante no desenvolvimento de debates sobre temas discutidos com mais frequência, como desigualdade de gênero. Ainda assim, é essencial entender de que forma e em quais dimensões esse conceito influencia nossa vivência, inserindo-o como uma problemática do sistema patriarcal que afeta diretamente nossas relações cotidianas.

Ainda que o amor faça parte da vida de todas as pessoas, é imprescindível ressaltar a diferença na forma como ele se apresenta e como é ensinado para mulheres e homens desde a infância. Ainda crianças, as pessoas já são instruídas a se portar de acordo com o próprio gênero, tanto em casa quanto na escola, e é inevitável notar que a educação amorosa que as mulheres recebem é significativamente mais forte em relação à dos homens. Não é nada inusitado que meninas no começo da juventude já tenham idealizado até os detalhes do próprio casamento, visto que desde muito novas são preparadas para esse evento, em geral descrito como o dia mais feliz da vida de uma mulher. As expectativas para esta data são construídas desde antes da puberdade, e a partir desse ponto somos moldadas para desejar e agradar o sexo oposto, sempre almejando conquistá-los e tendo isso como o maior objetivo de nossa vida, junto à maternidade.

Além da ânsia pela atenção masculina, vem também o medo da rejeição e a necessidade constante de validação, visto que, se uma meta tão importante não for alcançada até certa idade, é sinal de que há algo de errado com a mulher que não conseguiu enlaçar homem algum, seja uma questão de “falta de esforço” ou uma série de comportamentos inadequados para o gênero feminino. A expressão popular “ficar para titia” é um exemplo muito conhecido que pode ajudar a entender o medo que assombra tantas meninas, pois sempre é usada em um tom pejorativo, dando a entender que esse destino (não se casar ou não ter filhos, seja por escolha própria ou não) é terrível, e nenhuma mulher quer estar nesse lugar. As que acabam nessa posição, as “tias”, estão fadadas a viver em solidão.

Seguindo a lógica dessa forma de pensamento, deduzimos que para uma mulher alcançar a felicidade genuína, ela precisa de um homem em sua vida, precisa ser desejada e amada por ele. Essa ideia é

naturalizada a todo momento, não apenas em casa, na escola e/ou no trabalho, mas também nas músicas, nos livros e filmes. São inúmeras as comédias românticas que retratam a busca de uma adolescente pelo namorado ideal, colocando como ápice da vida da personagem o momento em que ela finalmente consegue ficar com “O cara”, e na literatura não é diferente; há milhares de histórias que tratam do amor como o sentimento que traz sentido à vida, que é eterno e incondicional e que uma vez que o alcançamos podemos ter o tão sonhado final (ilusório) de conto de fadas e “viver felizes para sempre”. E vale ressaltar também que essas obras, em sua imensa maioria, têm as mulheres como público alvo, sejam elas jovens ou adultas.

No prefácio escrito por Djamilia Ribeiro para o livro “Por que amamos”, de Renato Nogueira (NOGUERA, 2020), é mencionada uma questão importante colocada pela filósofa Simone de Beauvoir em sua obra “O Segundo Sexo”, a qual diz que “não podemos discutir a condição feminina em termos de felicidade, posto que a felicidade, em uma sociedade pautada pelo machismo, também é ideologia” (NOGUERA, 2020, p.13) E ainda é pontuado depois pela autora do prefácio um outro questionamento importante: “Se, para uma mulher, ser feliz significa ter um homem ao lado, o que acontece se, mesmo comprometida, ela não conseguir exprimir felicidade?” (NOGUERA, 2020, p.13).

Apesar de não haver uma resposta certa para a indagação, é interessante refletir sobre a pergunta. Se somos ensinadas que o foco principal de nossa vida é receber o amor de um homem, não realizar tal objetivo é no mínimo frustrante, mas não sentir prazer ao alcançá-lo é incompreensível. E essa indignação se aplica também à maternidade. Mulheres são constantemente julgadas e descredibilizadas quando negam para o mundo o desejo de ter filhos, ou quando não nutrem um amor maternal por eles, amor este que deveria ser intrínseco ao sexo feminino. Ao afirmar não querer filhos, a mulher vai diretamente contra as expectativas da sociedade, que mantém controle até mesmo sobre seu corpo.

A educação que recebemos desde o nascimento, tanto em ambientes familiares como em escolares é parte fundamental da manutenção do sistema patriarcal em que vivemos, e como o amor também nos é ensinado, somos forjados para amar de acordo com o sistema em que estamos inseridos. Na dissertação de mestrado da psicóloga Sara Campagnaro, intitulada “Mulheres e a madrepátria que há em nós: a educação para o amor romântico”, a pesquisadora traz essa questão ao dizer:

“Se o amor romântico é ensinado e aprendido nos moldes patriarcais, significa que as mulheres, talvez, estejam experienciando e vivenciando o amor de maneira desigual em relação aos homens. Aprender a amar é um dos muitos modos de fazer-se humano e é parte importante do longo processo de formação/construção de si. Se as formas de ensinar e aprender a amar são diferentes entre homens e mulheres, parece-me importante analisarmos os processos educativos implicados nessas formas.” (CAMPAGNARO; EGGERT, 2019, p. 13)

Considerando que o patriarcado tem como fundamento a inferioridade e submissão feminina ao gênero oposto, ao desenvolver nossa perspectiva sobre o que deve ser uma vivência amorosa, como mulheres, nós já internalizamos alguns fatores que nos foram apresentados como inerentes ao significado de amor, dentre eles, a necessidade de agradar e cuidar dos homens, de servi-los, vendo isso como parte essencial do ato de amar, e não como uma obrigação imposta socialmente. O cuidado voltado sempre para os outros é ensinado para nós desde a infância, quando somos encarregadas de tomar conta de crianças mais novas da família, quando aprendemos a brincar de “casinha”, muitas vezes sendo presenteadas com fogão e panelas de brinquedo, quando nos mostram como nos comportar como “mocinhas” e performar feminilidade desde pequenas, no intuito de nos tornarmos, quando adultas, mulheres “para casar”. Em suma, somos moldadas para gostar dos comportamentos que nos fazem ser “dignas” de um homem e acreditar que eles estão ligados ao amor. Claro que há casos em que tomamos essas escolhas de maneira consciente, mas ainda assim é necessário contestar esse padrão social, pois no âmbito geral as mulheres ainda vivem em uma situação de desigualdade e vulnerabilidade em relação aos homens. O ponto que queremos passar aqui é explicado perfeitamente no trecho a seguir, também da dissertação de Campagnaro:

“O cuidado com a feminilidade, com a delicadeza e o desejo de que as meninas não sejam combativas, que não arrisquem desobedecer às regras, ensinado no processo educativo da vida cotidiana, é

reproduzido no espaço da educação formal, e auxilia a uma educação das meninas/mulheres para que não se arriquem, não desobedeçam, ou seja, para que aprendam a aceitar a subserviência, que mais tarde, ao estarem em um relacionamento, se tornará o servir ao outro, por amor, que, em muitas vezes, se transforma em subjugação. Ensinar as meninas a serem “dóceis” é, também, ensiná-las que não é de modo combativo que podem conquistar algo, mas sim, por meio do amor e do cuidado. [...] As consequências de uma educação voltada ao amor romântico para as mulheres estão ligadas aos conceitos de servidão voluntária e desprendimento a esmo de energia vital. Ao ensinar às mulheres, no contexto do amor romântico, aprendemos que nos dedicar aos demais, antes de a nós mesmas, faz parte da normalidade do ser mulher.” (CAMPAGNARO; EGGERT, 2019, p. 131-133)

3.2.2 - A ideia de dependência do outro como parte do amor.

Para além dos aspectos já abordados anteriormente sobre o ideal de amor romântico e o papel da mulher como submissa, também queremos destacar neste artigo outras consequências que essa forma de vivenciar esse sentimento pode trazer, tanto para mulheres como para os homens. Essa visão idealizada de como devem ser as relações amorosas gera sofrimento e frustração para todos os envolvidos, pois se trata de algo inconcebível para a realidade em que vivemos. O desejo de encontrar nossa “metade da laranja”, “almagêmea” ou um “amor verdadeiro” nunca será atendido da maneira que esperamos, pois ele se baseia no endeusamento de alguém que não consegue atender todas as nossas fantasias. É muito comum que as pessoas se apaixonem pela versão do outro que criaram na própria imaginação, e não pelas características daquele com quem começaram a se relacionar. Ao perceber que o indivíduo em questão não era quem se imaginava, há uma quebra de expectativa não apenas em relação ao outro, mas também em si mesmo, por não alcançar a realização amorosa tão esperada, o que muitas vezes gera uma decepção que os membros do casal não conseguem superar.

Outro ponto importante a ser destacado é a impossibilidade, a partir do início de uma relação, de viver separadamente da pessoa amada, pois uma ou ambas as partes já não conseguem mais existir sem o outro, e se tornam dependentes entre si. São inúmeras as declarações de amor que fazem uso da frase “não sei viver sem você” para expressar o quão importante é o ser amado, e apesar de ser algo aparentemente bom, quando desenvolvemos essa ideia a fundo criamos outra perspectiva. O trecho a seguir, também da dissertação de Campagnaro, explicita com clareza o que queremos passar aqui.

“Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro. [...] No amor romântico, encontrar o amor e unir-se a outra pessoa seria o mesmo que encontrar a própria liberdade. [...] Atitudes como o exagero na dúvida sobre o amor do outro, o ciúme e, em muitos casos, a violência, são maneiras de controlar o amor, de ter o parceiro apenas para si. [...] Ao vivenciar o amor, em moldes sadomasoquistas, não se pretende apenas viver o amor, mas, para além, deseja-se ter a subjetividade do outro em mãos ou entregar a sua nas mãos do outro”(CAMPAGNARO; EGGERT, 2019, p. 75)

Tendo em mente que o ensino dessa forma de viver o amor tem como foco as mulheres, podemos relacionar o processo de abdicação do “eu” para ser “do outro” na vivência amorosa, como parte essencial na formação da ideia de que é inato ao sexo feminino o papel de doação e cuidado com o próximo, antes mesmo

de si. No capítulo a seguir, apontamos formas alternativas ao amor tradicional, que se descolam do modelo patriarcal, permitindo uma construção mais livre da individualidade de homens e mulheres.

Capítulo 4: Outras formas de amar.

4.1 - O amor como ação

Apesar de crescermos ouvindo lindas histórias de romance, desde os contos de fadas até clássicos como Romeu e Julieta e Titanic, em um dado momento é preciso encarar a vida real e criar um pensamento crítico, que não seja pautado na ilusória promessa de felicidade plena que nos foi apresentada na infância. É importante entender que esse tipo de convicção sobre a vivência amorosa não é baseada na realidade, mas em uma ideia fictícia sobre o comportamento humano, que foi orquestrada para conter, sobretudo as mulheres, no espaço social designado a elas. Mas se a grande maioria das pessoas cresce acreditando que há apenas uma maneira de experienciar o amor, é comum que muitas delas, ao contestarem o modelo que já conhecem, se deparem com uma nova indagação: há formas alternativas de amar e receber amor?

Recapitulando um fator que foi abordado no primeiro tópico deste artigo, queremos frisar aqui a importância de uma definição mais clara e detalhada sobre o significado do amor no processo de melhorar nossos relacionamentos. Em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, bell hooks afirma que seria muito mais fácil para todos nós se tivéssemos uma visão do amor como ação:

“Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos ‘sentimentos’. Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências.” (HOOKS, 2021, p. 55)

Tendo isso em mente, ao questionar o amor romântico é imprescindível perceber que, ao contrário do que nos é ensinado, não podemos ser salvos ou salvar o outro pelo amor. Ele não tem poder algum de redenção sobre aqueles que o experimentam, não gera nenhum tipo de catarsis que faça com que o indivíduo se torne uma pessoa melhor apenas por nutrir esse sentimento por outrem. Uma frase marcante de Toni Morrison, em O olho mais azul, esclarece bem esse ponto: “Quem é mau, ama com maldade, o violento ama com violência, o fraco ama com fraqueza, gente estúpida ama com estupidez” (MORRISON, 2019, p. 206).

Ao refletir sobre isso, podemos tomar atitudes melhores em relação à pessoa com quem vamos nos relacionar, pois não faremos escolhas baseadas apenas na paixão, no “calor do momento” ou na crença de que “o amor move montanhas”, visto que relações que são construídas apenas pela emoção das partes envolvidas, na grande maioria das vezes terão que lidar, em algum momento, com o ciúme, a insegurança e o desejo de posse e controle sobre o outro, que para muitos se torna quase instintivo, ou simplesmente com a diferença da intensidade do sentimento, que pode diminuir de um dos lados a qualquer momento. “Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir.” (HOOKS, 2021, p. 48)

Laços afetivos duradouros não surgem apenas da força do amor. É necessário conhecimento sobre a outra pessoa, e respeito sobre quem ela é, acima de tudo. Não podemos exigir do outro algo que ele não nos prometeu apenas por expectativas que nutrimos sozinhos em nossa mente. Se amar é uma ação, esta será parte de uma decisão de ambos os lados, que passam a construir algo juntos, pois escolhem conscientemente um ao outro, ao invés de serem dominados pela força maior do sentimento.

Ao se relacionar amorosamente, seria importante compreender que esse encontro se efetiva entre duas liberdades, duas pessoas que possuem projetos pessoais importantes para o crescimento individual, as quais, juntas, podem criar um terceiro projeto em comum, relacionado aos desejos e sonhos do casal. O amor, a partir

de uma crítica sartreana, não deveria ser entrega ou obrigação, e sim, uma construção, uma troca existencial entre duas liberdades que se deixam ser, que se respeitam enquanto singularidades; seria um aprendizado entre iguais fundado nas diferenças” (CAMPAGNARO; EGGERT, 2019, p. 76)

A beleza de se relacionar livremente está justamente na aceitação e no carinho que as pessoas criam umas pelas outras. Quando temos interesse em conhecer o outro por inteiro, entendemos que iremos lidar tanto com suas qualidades como com seus defeitos, e que ele também passará pelo mesmo processo conosco, e abraçar isso é essencial para sermos nós mesmos abertamente e sem receios ao lado de quem amamos, o que proporciona intimidade e companheirismo entre o casal. Em “A transformação da intimidade”, Giddens traz uma reflexão sobre as mudanças que essa forma de ver as relações pode trazer não apenas para o casal, mas para toda a sociedade.

Alguns têm declarado que a intimidade pode ser opressiva, e isso pode realmente ocorrer se ela for encarada como uma exigência de relação emocional constante. No entanto, se considerada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais, ela surge sob uma luz completamente diferente. A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública. Há também implicações adicionais. A transformação da intimidade poderia ser uma influência subversiva sobre as instituições modernas como um todo. Um mundo social em que a realização emocional substituisse a maximização do crescimento econômico seria muito diferente daquele que conhecemos hoje. As mudanças que atualmente afetam a sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas. (GIDDENS, 1992, p. 11)

4.2 - O amor próprio antes de qualquer outro.

No último tópico abordamos a relevância da percepção do outro como indivíduo separado de nós na construção de relações mais saudáveis. No entanto, não é apenas o outro que precisamos acolher. É indispensável desenvolver o amor por si, não apenas para se relacionar romanticamente, mas para viver plenamente todas as experiências da vida. Nossa autoestima é parte vital de quem somos e de quem queremos ser, e quando não conseguimos enxergar nosso próprio valor, se torna muito mais difícil se responsabilizar por nossas escolhas e ações. A falta do autoconhecimento é um fator que influencia nossa própria vida e a de todos ao nosso redor, pois nossa tendência, principalmente em situações difíceis do cotidiano, é recorrer ao que nos é familiar, que nos passa segurança. Sem se conhecer, é quase impossível se sentir seguro na própria pele, e se não podemos contar com a nossa capacidade de lidar com os obstáculos do dia a dia, impreterivelmente criamos um elo de dependência com algo ou alguém externo a nós.

As mulheres, em especial, tendem a sofrer muito mais com questões relacionadas à autoestima e autoconfiança, pois durante toda a vida tiveram como foco o amor ao próximo, e raramente a si. Criadas como seres delicados e frágeis, desde cedo, foram moldadas para nunca se tornarem completamente independentes, seja emocional ou financeiramente, e em um contexto mais amplo, socialmente também não, visto que seus corpos também são regulados pela sociedade. Não lhes foi ensinada a importância da autovalorização e do autoconhecimento no processo de construção do eu, pois o bem-estar e a valorização do próximo sempre foram a base da educação feminina.

Ao seguirem essa lógica, o que muitas mulheres passam a acreditar é que é preferível estar em um relacionamento, seja ele saudável ou não, do que estar sozinha e lidar com a solidão, pois foram ensinadas que para se sentirem completas precisam necessariamente estar acompanhadas do sexo oposto, e há uma discrepância notável no valor que as mulheres dão ao amor em comparação com os homens, que o enxergam apenas como uma parte da vida como qualquer outra, e não como o centro de tudo.

Diante disso, queremos enfatizar aqui o quanto é crucial para a vivência amorosa o desenvolvimento da autossuficiência e do autoconhecimento, pois a única maneira de saber o que (e quem) queremos é nos aprofundando em nós mesmas para entender nossas vontades, gostos e aspirações, não apenas em relação ao amor, mas a todos os aspectos da vida. É necessário praticar diariamente o amor próprio para conseguirmos tomar as rédeas sobre nosso destino e conseguir sair do lugar que a sociedade separou previamente para nós. Se nos conhecemos, e sobretudo, gostamos de quem somos, temos a capacidade de fazer escolhas amorosas conscientes; amar ao outro e a si, com respeito a individualidade de cada um, e principalmente, colocando o amor próprio sempre em primeiro lugar.

Entretanto, a priorização do amor próprio, não deve ser confundida com a satisfação de anseios imediatistas do indivíduo. O prestigiado sociólogo Zygmunt Bauman, em sua obra “Amor Líquido”, de 2004 (BAUMAN, 2004), examina diversos aspectos sociais da contemporaneidade, utilizando o termo “liquidez” para expor a forma como a aceleração das mudanças da sociedade nas últimas décadas gerou grandes transformações nas vivências amorosas. Ele considera que estamos vivendo um momento onde a fluidez e a instabilidade dominam as relações interpessoais e as instituições como um todo, considerando como consequências dessa liquidez a efemeridade das dinâmicas amorosas, que estão envoltas pelo individualismo, consumismo e pela superficialidade, que foram normalizados no cotidiano moderno e que, por isso, passam a priorizar uma satisfação imediata, em oposição à construção de vínculos afetivos de longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia central deste artigo é trazer reflexões sobre como as mulheres têm suas escolhas de vida relacionadas, direta ou indiretamente, com a forma com que são ensinadas a amar, baseada no ideal inalcançável do amor romântico. Mostramos como a idealização do amor pode afetar a individualidade feminina, a ponto das mulheres se anularem quase completamente em prol dos homens com quem se relacionam, e da família em geral, muitas vezes sentindo até orgulho de si mesmas por tais ações, pois são criadas para ver o cuidado ao outro como parte inerente do ser mulher, que acaba naturalmente se tornando uma servidão voluntária, gerando desgaste físico e emocional que também é banalizado.

Pontuamos que o incentivo primordial da motivação feminina raramente são os desejos próprios, mas sim os do próximo, fazendo com que as mulheres constantemente se desvalorizem perante o outro, acreditando que o que fazem é parte do significado de amor. Muitos projetos pessoais, vontades e sonhos foram inibidos pela preocupação com o próximo e pela falta de zelo por si, então se vê necessário o desenvolvimento de uma visão mais libertadora do que é, realmente, amar. Queremos concluir esse artigo frisando que amar não aprisiona, não é desgastante e muito menos desigual. As desigualdades de poder entre homens e mulheres não devem perpassar nenhuma vivência amorosa, pois nestes casos, os relacionamentos também passam a ser regidos por essa mesma estrutura. O foco aqui é incentivar as mulheres a encontrarem o amor em si mesmas e se tornarem autossuficientes, para assim conseguirem entender o que realmente significa amar e se permitir isso, ao lado de outra pessoa, mas sem as amarras do patriarcado.

REFÊRENCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de, **O Segundo Sexo: 1. Fatos e mitos**, São Paulo - SP, Difusão Européia do Livro, 1970(a)

BEAUVOIR, Simone de, **O Segundo Sexo: 1. A experiência vivida**, São Paulo - SP, Difusão Européia do Livro, 1970(b)

CAMPAGNARO, Sara; EGGERT, Edla (Orientadora). **Mulheres e a Madresposa que há em Nós: A Educação para o Amor Romântico**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2019.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História das emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2020(a).

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História das emoções: 2. Das Luzes até o final do século XIX**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2020(b).

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2020(c).

DURKHEIM, Émile. **As regras elementares do método sociológico**, São Paulo, Nacional, 1984

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo - SP: Editora UNESP, 1992.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

NOGUERA, Renato, **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**, Rio de Janeiro - RJ, HarperCollins Brasil, 2020

MORRISON, Toni, **O Olho mais Azul**, São Paulo, SP, Companhia das letras, 2019

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia, **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro -RJ, FGV Editora, 2010.

SARTRE, Maurice, **Os Gregos**, em **História das emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2020.